

Jihad, “Era das Revoluções” e história atlântica: desafiando a interpretação de Reis da história brasileira

Paul E. Lovejoy*

Agradeço a oportunidade de responder aos comentários do professor João José Reis, que criticou duramente meu artigo na *Topoi* nº 29, de junho de 2014. O prof. Reis decidiu concentrar-se em detalhes específicos de minha análise, em vez de enfrentar o desafio do debate acadêmico que era a substância do artigo. Em suma, afirmei que a análise acadêmica do mundo atlântico durante a era das revoluções, e não especificamente as publicações do prof. Reis, foi em larga medida distorcida de duas maneiras fundamentais. Em primeiro lugar, o mundo atlântico como é geralmente definido, com as exceções referidas em meu artigo, não inclui a história da África Ocidental, embora o continente africano tenha ajudado a conformar a bacia atlântica e, portanto, deveria ter tanta projeção quanto a Europa ou as Américas. Localizei as origens deste equívoco nas obras de Eric Hobsbawm e Eugene Genovese, dois proeminentes historiadores, para fins de debate. Isso está certamente claro em meu artigo e deveria ter sido percebido pelo prof. Reis. De fato, meu artigo deixa implícito que, em sua ilustre carreira, o prof. Reis tem a mesma estatura de Hobsbawm e Genovese e, portanto, a minha crítica ao seu trabalho é um sinal de respeito.

Em segundo lugar, meu argumento específico é que o movimento da *jihad* na África Ocidental coincidiu com a era das revoluções, apesar de esse movimento ter sido negligenciado ou mal interpretado — embora exista uma extensa literatura escrita por africanistas sobre o assunto e que defende a enorme relevância da *jihad*. O prof. Reis se encontra na categoria dos pesquisadores que não souberam apreciar essa importância, embora ele tenha ido muito além de outros pesquisadores ao identificar alguns dos fatores da história africana que são essenciais para a reconstrução da história atlântica durante a era das revoluções. Infelizmente, ou o prof. Reis não entendeu o argumento básico de meu artigo ou se tornou tão defensivo diante da crítica que perdeu a perspectiva. Espero que meu próximo livro, *Jihad in West Africa during the Age of Revolutions, 1785-1850* (Ohio University Press), ainda no prelo, torne meus argumentos ainda mais claros e lhe dê outra oportunidade para refletir sobre as críticas de seu próprio trabalho, de forma que este intercâmbio possa deixar de ser um ataque à integridade pessoal para se tornar um debate acadêmico.

DOI - <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101X016030020>

* Doutor em história pela University of Wisconsin, EUA, e Distinguished Research Professor e Canada Research Chair em African History na York University, Canadá. Toronto, Canadá. E-mail: plovejoy@yorku.ca.

A maioria dos detalhes específicos na crítica do prof. Reis não merece resposta. Os historiadores podem julgar por si mesmos cada ponto e se a crítica é relevante ou não; afinal, fomos treinados para isso. Sei que o prof. Reis promove o debate e o diálogo com seus próprios alunos, os quais são capazes de reflexão madura. Todos nós usamos as publicações uns dos outros para lecionar, mesmo quando o debate inclui erros de interpretação, omissão de documentação e outras falhas. Se um dado pesquisador é ou não fluente o bastante em português, árabe, hausa, ioruba, francês, inglês ou qualquer outra língua é uma dificuldade que todos enfrentamos, mas que não deveria jamais ser um obstáculo para nossas tentativas de reconstrução histórica. Todos tentamos fazer o melhor trabalho possível com as habilidades que temos. Sempre admirei o trabalho do prof. Reis, embora nem sempre tenha concordado com suas interpretações. Talvez, no futuro, o prof. Reis venha a reconsiderar os principais pontos apresentados em meu artigo na *Topoi*.

Com relação a detalhes biográficos, acredito que tive acesso a todas as publicações de Bishop Crowther e a seus artigos não publicados. O fato de que não ter citado Crowther quando o prof. Reis acredita que eu deveria não deve ser interpretado como negligência ou descaso. Como qualquer pessoa que conheça minhas publicações pode constatar, tenho publicado material biográfico sobre africanos escravizados e mercadores africanos há muito tempo, não apenas sobre Mahommah Gardo Baquaqua e Gustavus Vassa, mas muitos outros; muito de meu trabalho é baseado em biografias e autobiografias. De fato, a pesquisa sobre Baquaqua entrou em nova fase e uma tradução de minhas publicações anteriores sobre ele estará disponível em breve em português, no Brasil, incluindo informações inéditas, enquanto minha biografia de Vassa, que com frequência é chamado erroneamente de Oludah Equiano, será também em breve publicada. Além disso, estou atualmente envolvido em um projeto, com recursos do Conselho de Ciências Sociais e Humanas do Canadá, sobre os testemunhos de africanos ocidentais escravizados na era do tráfico de escravos. A equipe com a qual trabalho inclui Nielson Bezerra, recém-contratado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Jane Landers, da Universidade Vanderbilt, no Tennessee, EUA; Jean-Pierre Le Glaunec, da Universidade de Sherbrooke, no Quebec, Canadá; Femi Kolapo, Universidade de Guelph, no Canadá; Kwabena Akruang-Perry, da Universidade de Cape Coast, em Gana; e Suzanne Schwarz, da Universidade de Worcester, no Reino Unido. Nosso próximo encontro de trabalho deve ocorrer em outubro próximo, em Duque de Caxias (RJ), onde nossa base de dados sobre biografias será discutida. Essa base de dados inclui relatos biográficos e autobiográficos de mais de mil africanos ocidentais, materiais sobre cerca de 200 mil africanos libertos, além de documentos eclesiásticos sobre mais dezenas de milhares de africanos.

O problema com a semelhança entre o texto do capítulo escrito por Reis e Mamigonian sobre os nagô e os mina¹ (2004) e meu artigo sobre a escarificação² (2009) é, de fato, preocupante. Claramente, um parágrafo do meu texto é quase uma cópia literal de um parágrafo do artigo de Reis e Mamigonian, e não tenho uma explicação adequada para isto. De algum modo, ao escrever meu artigo, inseri o texto de minhas anotações sobre o artigo de Reis e Mamigonian, sem me dar conta que era uma cópia literal e não as minhas anotações sobre o dito artigo. Certamente peço desculpas pelo erro, que é um constrangimento. No entanto, eu fiz referência a Reis e Mamigonian em diferentes momentos do meu texto. Além disso, eu tinha revisado as fontes usadas por esses autores, especialmente o relato de d’Avezac sobre Osifekunde, assim como a versão reduzida que fora publicada há mais de 40 anos em *Africa Remembered*, de Philip D. Curtin.³ No texto sobre a escarificação, minha intenção era me referir especialmente à publicação original de d’Avezac, por causa de seu grande valor. Com efeito, estou atualmente envolvido em um projeto com o dr. Olatunji Ojo, da Universidade Brock, no Canadá, para preparar uma nova edição anotada do relato de Osifekunde, a qual examinará particularmente os detalhes do contexto histórico dos ijebu e dos ioruba.⁴ Logicamente a questão da escarificação será discutida neste projeto, e incluirá agora a correção de meu erro cometido no artigo sobre escarificação. No entanto, sejamos muito claros. Plágio é o roubo específico e consciente das ideias de outras pessoas e o uso das palavras de outrem como se fossem próprias. No meu caso, cometi um erro. Assim, a acusação específica do prof. Reis, que, aliás, não tem nenhuma relação com os argumentos apresentados no artigo publicado na *Topoi*, é claramente uma tentativa deliberada de me difamar como um meio de evitar um debate acadêmico sério.

Com respeito às observações de primeira mão de John Lander e seu relato, a minha intenção é similar. Quando escrevia a apresentação sobre escarificação para a conferência na Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA), eu já tinha publicado uma edição anotada sobre a segunda expedição de Clapperton, da qual Lander foi membro, depois de muitos anos de pesquisa com Jamie Bruce Lockhart. Embora o prof. Reis não cite esse trabalho, a versão anotada da segunda expedição de Clapperton foi publicada pela Brill⁵ na Holanda em

¹ REIS, João José; MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. Nagô and Mina: The Yoruba Diaspora in Brazil. In: FALOLA, Toyin; CHILDS, Matt (Orgs.). *The Yoruba Diaspora in the Atlantic World*. Bloomington: Indiana University Press, 2004. p. 82-83.

² LOVEJOY, Paul E. Scarification and the Loss of History in the African Diaspora. In: APTER, Andrew; DERBY, Lauren (Orgs.). *Activating the Past Historical Memory in the Black Atlantic*. Newcastle: Cambridge Scholarly Publishing, 2010. p. 110-111.

³ LLOYD, P. C. Osifekunde of Ijebu. In: CURTIN, Philip D. (Org.) *Africa Remembered: Narratives of West Africans from the Era of the Slave Trade*. Madison, WI: University of Wisconsin Press, 1967. p. 217-88.

⁴ D’AVEZAC, Armand. *Notice sur le pays et le peuple des Yebous en Afrique*. Paris: Dondey-Dupré, 1845. Disponível gratuitamente na Gallica.

⁵ LOCKHART, Jamie Bruce; LOVEJOY, Paul E. (Orgs.). *Hugh Clapperton into the Interior of Africa: Records of the Second Expedition 1825-1827*. Leiden: Brill, 2005.

2005. Além disso, também enquanto escrevia aquele texto, Bruce Lockhart e eu estávamos trabalhando nos manuscritos inéditos dos irmãos Lander, alguns dos quais havíamos localizado enquanto trabalhávamos no projeto sobre Clapperton. Como é notório, John Lander acompanhou Hugh Clapperton na segunda expedição para o interior da África Ocidental a partir de Badagry. John Lander, inclusive, publicou um volume sobre essa expedição em 1830.⁶ Em seguida, Lander voltou com seu irmão para dar continuidade à expedição de Clapperton, que morreu em Sokoto em 1827. O editor londrino, John Murray, publicou um relato sobre essa expedição e, embora seus arquivos não estejam disponíveis para consulta, eles contêm importantes manuscritos de relevância histórica.⁷ Eu pretendia fazer referência aos manuscritos de Lander no artigo sobre escarificação, inclusive ao diário que fora perdido no rio Níger quando os irmãos Lander foram escravizados em Kiri, antes de serem levados à costa em 1830.⁸ Esse material está no site do Instituto Harriet Tubman há muitos anos. Embora, inadvertidamente, eu tenha usado o texto do capítulo Reis-Mamigionian em meu artigo, eu planejava oferecer informação adicional, derivada desses manuscritos inéditos. Por alguma razão me distraí e não incluí as referências inéditas em meu capítulo sobre escarificação. Portanto, este foi meu erro. Não acredito que o prof. Reis ou a Dra. Mamigionian saibam que esse material inédito está disponível, e eles também parecem desconhecer o material publicado sobre Clapperton.

Na passagem citada pelo prof. Reis, que é uma cópia da passagem em seu capítulo, em um livro no qual eu também publiquei, há uma nota textual “*ibid.*”, que não consigo explicar. Esse pequeno detalhe deveria ter sido suficiente para chamar minha atenção na fase da revisão de provas do capítulo, mas evidentemente até esse sinal passou despercebido. Além disso, embora tenha aprendido muito em minhas conversas com o Prof. Henry Drewal, que é um excelente pesquisador, minha referência a ele era uma nota a mim mesmo, pois eu o consultara para me assegurar de alguns dos detalhes da escarificação, o que ele de fato confirmou. Ele me ajudou em vários outros temas, a partir de seu trabalho de campo. A referência não deixa isso claro porque, mais uma vez, cometi o erro de usar minhas notas

⁶ LANDER, Richard. *Records of Captain Clapperton's Last Expedition to Africa*. Londres: Colburn and Bentley, 1830. 2 v.

⁷ LANDER, Richard; LANDER, John. *Journal of an Expedition to Explore the Course and Termination of the Niger*. Nova York: J & J Harper, 1832. 2 v.

⁸ Ver LOCKHART, Jamie Bruce. Documents Relating to the Lander Brothers' Niger Expedition of 1830. Disponível em: <http://www.tubmaninstitute.ca/documents_relating_to_the_landers_brothers_niger_expedition_of_1830>, que inclui Journals or Journalism?: The Landers' Niger Journal (1834); John Lander's Journal in John Murray Archive (National Library of Scotland, Edinburgh); Richard Lander's Journal in the Welcome Library (Londres); Correspondence in John Murray Archive, para o período 1830-31; Provenance: Recovery from the River Niger of the Two Lost Journals, os dois diários que foram encontrados no rio Níger, em Kiri, em algum momento de 1831, assim como os excertos do diário de John Lander, livro nº 2. Ver também SHADD: *Studies in the History of the African Diaspora — Documents*, disponível em: <<http://tubman.info.yorku.ca/publications/shadd/>>. Ver também outras cartas dos irmãos Lander na coleção de Sierra Leone da Universidade de Illinois, em Chicago, que foram incluídas no SHADD.

não editadas no texto publicado. No mundo acadêmico é inaceitável fazer referência ao trabalho de outros pesquisadores ou mesmo citá-los sem o devido crédito. Portanto, não há desculpa para meu erro, embora eu acredite que esta resposta ajudará a explicar o contexto. Certamente sou grato a *Topoi* pela oportunidade de explicar e corrigi-lo. Se o capítulo vier a ser publicado outra vez, irei corrigir meu erro e admiti-lo. Como já afirmei, também vou deixar isso claro na publicação de uma edição anotada sobre Osifekunde, cuja biografia é importante no Brasil.

Como enfatizei em meu artigo para a *Topoi* e como também o faço em meu próximo livro com a Ohio University Press, os mal-entendidos com respeito ao Islã e mesmo à *jihad* têm profundas consequências no mundo de hoje. Argumentei que a *jihad* era uma grande força na história da África Ocidental ao tempo em que africanos escravizados eram enviados ao Brasil ou a Cuba. Preocupa-me muito que a questão da *jihad* e do conhecimento do Islã de uma perspectiva histórica sejam tão pouco entendida. O que é preciso para enfatizar o papel do Islã na história? Como a desatenção com diferentes perspectivas conforma uma visão distorcida do mundo contemporâneo, em que a *jihad* é uma força global? Com certeza, o prof. Reis deveria considerar essas questões em sua interpretação da história brasileira.

Referências bibliográficas

CANDIDO, Mariana; LIBERATO, Carlos; LOVEJOY, Paul E.; SOULODRE-LA FRANCE, Renee (Orgs.), *Laços atlânticos: África e africanos durante a era do comércio transatlântico de escravos*. (Luanda, no prelo.)

D’AVEZAC, Armand. *Notice sur le pays et le peuple des Yebous en Afrique*. Paris: Dondey-Dupré, 1845. Disponível gratuitamente na Gallica.

LANDER, Richard. *Records of Captain Clapperton’s Last Expedition to Africa*. Londres: Colburn and Bentley, 1830. 2 v.

LANDER, Richard; LANDER, John. *Journal of an Expedition to Explore the Course and Termination of the Niger*. Nova York: J & J Harper, 1832. 2 v.

LLOYD, P. C. Osifekunde of Ijebu. In: CURTIN, Philip D. (Org.). *Africa Remembered: Narratives of West Africans from the Era of the Slave Trade*. Madison, WI: University of Wisconsin Press, 1967.

LOCKHART, Jamie Bruce. Documents Relating to the Lander Brothers’ Niger Expedition of 1830. Disponível em: <http://www.tubmaninstitute.ca/documents_relating_to_the_lander_brothers_niger_expedition_of_1830>.

LOCKHART, Jamie Bruce; LOVEJOY, Paul E. (Orgs.). *Hugh Clapperton into the Interior of Africa: Records of the Second Expedition 1825-1827*. Leiden: Brill, 2005.

LOVEJOY, Paul E. Scarification and the Loss of History in the African Diaspora. In: APTER, Andrew; DERBY, Lauren (Orgs.). *Activating the Past Historical Memory in the Black Atlantic*. Newcastle: Cambridge Scholarly Publishing, 2010.

REIS, João José; MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. Nagô and Mina: The Yoruba Diaspora in Brazil. In: FALOLA, Toyin; CHILDS, Matt (Orgs.). *The Yoruba Diaspora in the Atlantic World*. Bloomington: Indiana University Press, 2004.

SHADD: Studies in the History of the African Diaspora — Documents. Disponível em: <<http://tubman.info.yorku.ca/publications/shadd/>>.